

FESTIVAL DE BOA INTENÇÃO

O governo promete o impossível, controlar os bancos federais e estaduais.

As “Diretrizes de Governo para Ações de Curto Prazo”, divulgadas ontem pelo governo, são uma espécie de ceia de fim-de-ano: um festival de boas intenções, recheado de promessas que os governos fazem ao assumir, mas não podem cumprir para não perder o apoio político que vem exatamente de deputados, senadores, governadores e prefeitos cujas bases eleitorais alimentam-se de setores ou empresas que o governo precisaria regulamentar, fechar ou encolher, como Caixa Econômica Federal, Banco do Brasil, os

portos, os bancos estaduais, concessionárias de energia e outros ramos do enorme setor estatal.

Apesar das dúvidas, os bancos públicos estão na mira. Para os federais, o plano admite que “deve-se repensar a conveniência ou necessidade da permanências de todas as instituições hoje existentes”. E nos estaduais, Itamar quer inibir “o poder político do controlador”, ou seja, do governador do Estado que é dono do banco. Mas nem Collor teve coragem de enfrentar Quércia sobre os empréstimos do Banespa a São Paulo, nem Itamar está

freando os apetites corporativistas de Alcir Calliari, no Banco do Brasil, enquanto autoriza a CEF a maquiar seu balanço para não mostrar prejuízo.

Haddad promete conciliar crescimento econômico com controle da inflação, mas não conta a receita. Afinal, breçar os preços sem antes segurar a moeda e o crédito é uma espécie de alquimia — algo que não se comprova, por mais que se saiba que no segundo tempo, a inflação cede nas épocas de crescimento econômico.

Fábio Pahim Jr.